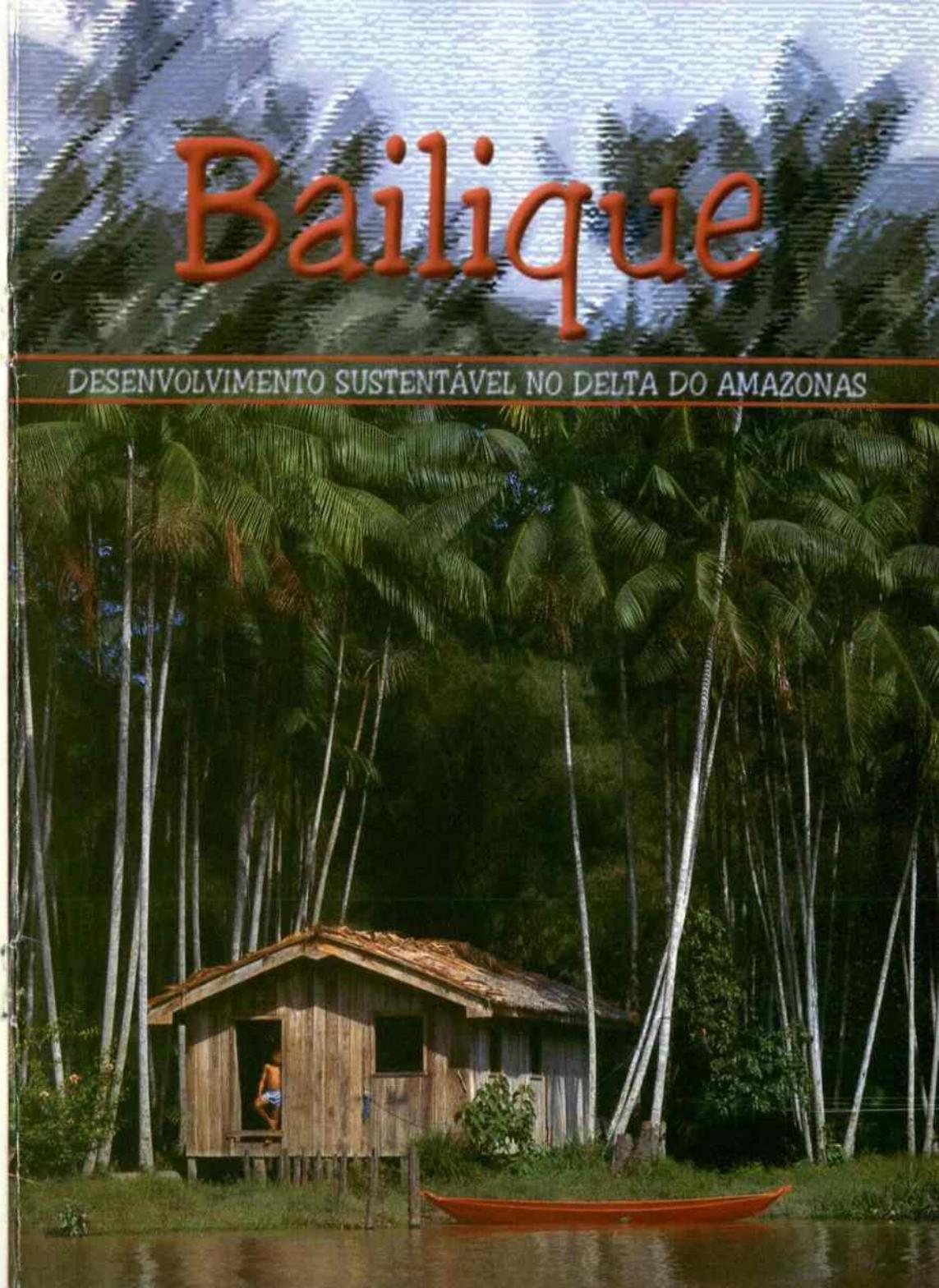


Bailique

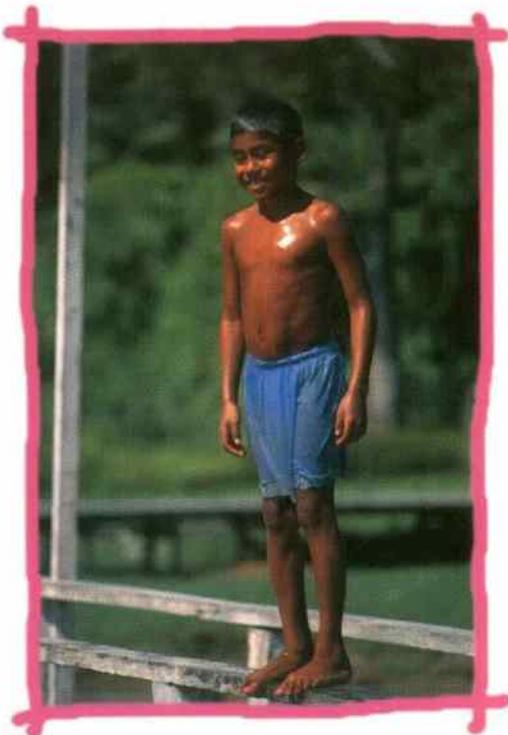
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO DELTA DO AMAZONAS



No extremo norte da costa brasileira, sobre a linha do Equador no Estado do Amapá, ocorre o encontro das águas do maior rio do mundo, o Amazonas, com as do Oceano Atlântico, formando um conjunto de ilhas estuarinas de rara beleza: o Arquipélago do Bailique.

Distrito de Macapá, o Bailique localiza-se a cerca de 185 Km da capital do Estado, por via fluvial em direção a foz do Amazonas. É formado por uma área continental, conhecida como região do Pacuí ou baixo Araguari, além de 8 ilhas: Curuá, Parazinho, do Meio, Faustino, Bailique, Franco, Brigue e Marinheiro.

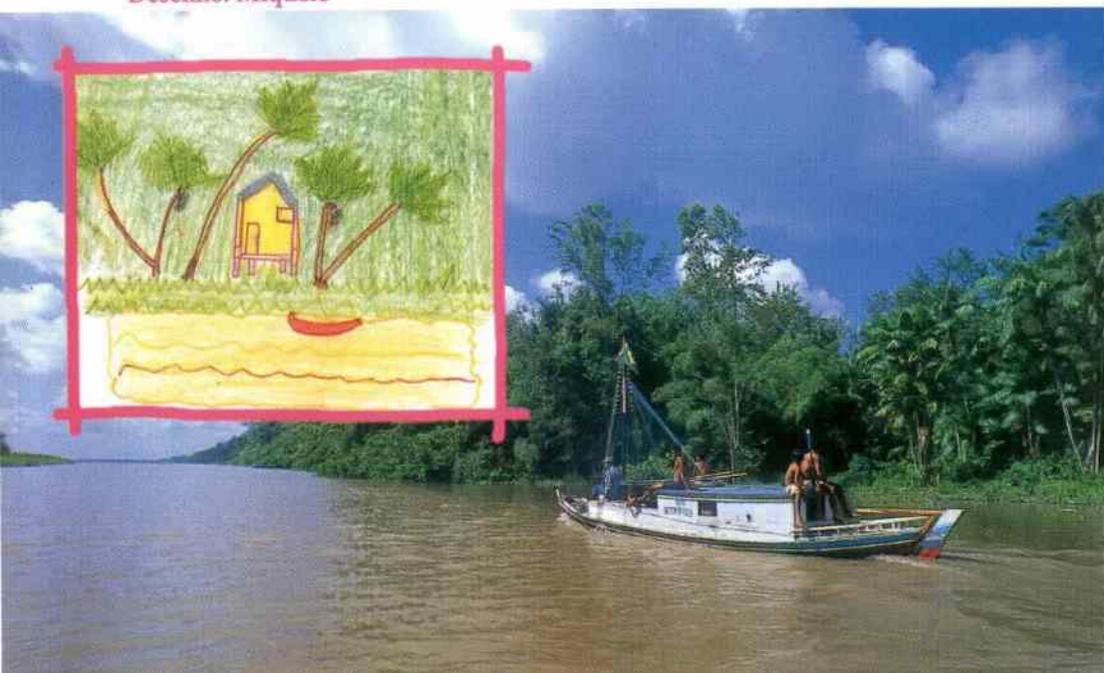
Desenho: Miquele



O encontro das ondas da maré oceânica com a corrente contrária dos rios da costa amapaense produz o fenômeno mais interessante do litoral amazônico: a pororoca.

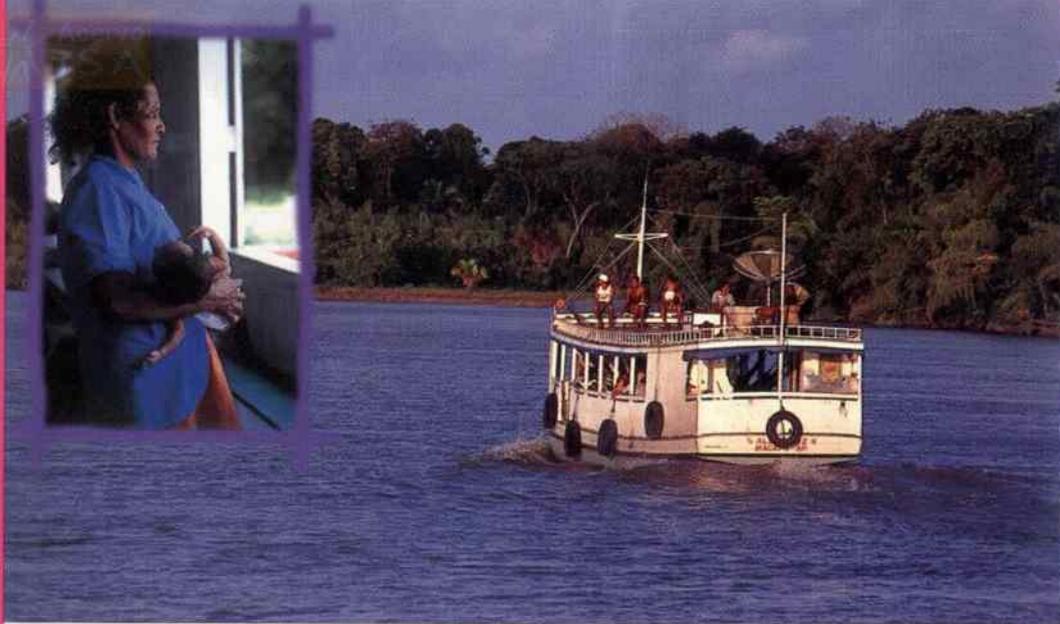
Vivem atualmente na região, cerca de 5000 pessoas distribuídas pelas mais de 38 comunidades (ver mapa da página central). Estão presentes estruturas públicas como Cartório, Juizado de Pequenas Causas, Batalhão Ambiental, Ibama, Rurap, além do centro de saúde, sistemas de tratamento de água e escolas.

As principais atividades econômicas são a pesca, o extrativismo vegetal (açaí, palmito), a apicultura, a carpintaria naval, a agropecuária e o comércio. Outro potencial do desenvolvimento sustentável neste pedaço tão especial da Amazônia é o ecoturismo, incentivado com a criação futura do Parque Estadual do Delta do Amazonas.



No Bailique, o verde da floresta contrasta com o marrom das águas barrentas da foz do Amazonas

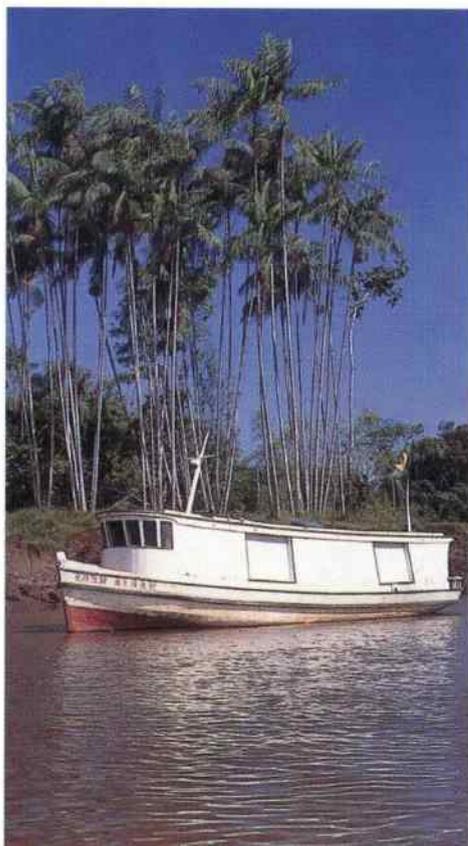




Barco de passageiros Macapá/Bailique.

Nos documentos do século XVII, os índios conhecidos como Aruãs eram mencionados como habitantes do delta do Amazonas e das chamadas "ilhas Bailiques". Mais tarde avançaram ao interior do Cabo Norte, fugindo dos lusobrasileiros e colocando-se como aliados dos Franceses e Holandeses na luta pelo controle do território.

Os Aruãs eram parte de uma constelação de povos que ocupavam todo o delta amazônico, como os Tucujus, também habitantes do litoral do Amapá. Já no século XIX remanescentes dos Aruãs fugiram para o norte, instalando-se na bacia do rio Uaçá, junto aos Galibis e Karipunas, onde foram identificados até o ano de 1889.



Este passado ficou marcado na palavra Bailique, que parece ter origem portuguesa, significando aldeia. Na capital do Pará, Belém, uma rua chamada São José do Bailique, mostra que o arquipélago já fazia parte da história da região.

Há mais de 50 anos, lembra Dona Rosa, "eu colocava o traje típico, blusa branca e saia azul, e ia dançar o Coatá nas festas, que eram embaladas pela música dos clarinetes e das violas".

Desenho: Lídia



Hoje, aspectos pouco conhecidos da cultura local são contados por moradores como a Sr^a. Rosa Santana Amanajás, de 71 anos. Dentre eles destaca-se a dança do Coatá, nome de um macaco da região, de andar desengonçado, cujos movimentos são lembrados através da dança.

As redes embalam o sono nas viagens de barco





Igarapé

As florestas de várzea, ecossistemas típicos da região, caracterizam-se por serem periodicamente inundadas pelas marés, abrigando inúmeras espécies vegetais e animais. Além disso, as florestas representam uma alternativa de sobrevivência para as comunidades locais, que delas extraem o açaí, palmito, frutas, etc.

Os campos de várzea são ecossistemas menos conhecidos, que ficam atrás das florestas, nas áreas interiores das ilhas. Também são sujeitos às inundações provocadas pelas marés e pelas chuvas e oferecem alimento a diversas espécies de aves. Nestes ambientes pratica-se ainda a pecuária bovina e bubalina.

Os igarapés cortam as ilhas em todas as direções, levando



Campo de Várzea

e trazendo a água das marés. São ecossistemas importantes e é deles que saem muitos dos alimentos da comunidade, como peixes e camarões.

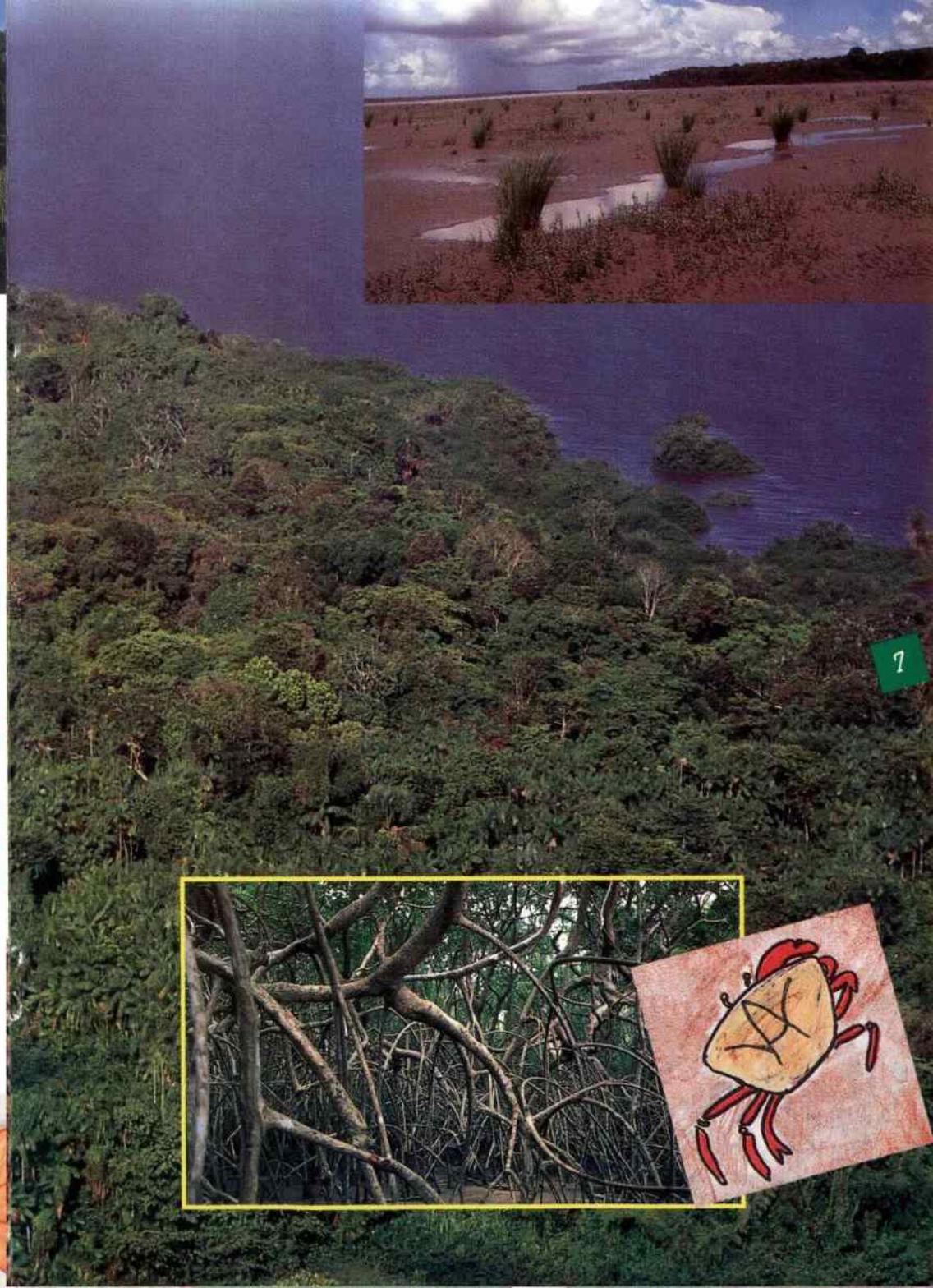
Os manguezais são ambientes que aparecem na faixa costeira, no contato com a água salgada. Apesar do mangue no Bailique não ser muito desenvolvido, nem produzir o conhecido caranguejo uçá, é local de muita importância na alimentação e reprodução de várias espécies.

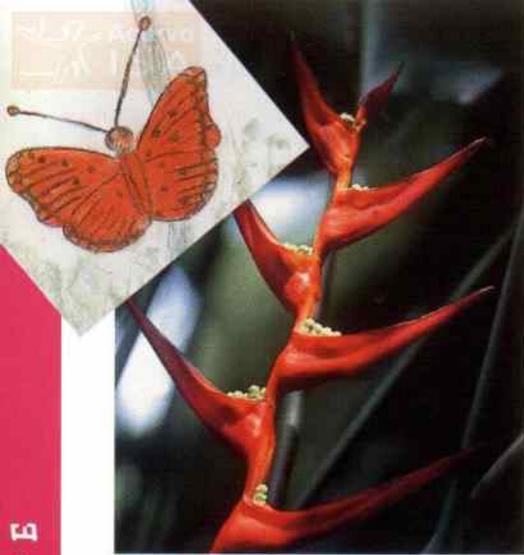
Já as praias, que ficam mais expostas quando a maré está baixa, também formam um ecossistema próprio. Nele vivem espécies vegetais e animais características, como por exemplo, as tartarugas-da-amazônia que procuram as praias para se reproduzir.

Desenho: Aline



Floresta de Várzea - Praia - Manguezal - Desenho: Dionete





Bico de Papagaio (*Heliconia sp.*)

Ninguém sabe exatamente quantas espécies distintas de plantas e animais existem na Terra. As estimativas variam de 10 a 50 milhões, mas até hoje os cientistas só classificaram um milhão e meio de formas diferentes de vida.

Florestas tropicais como as do Bailique, estão entre os ecossistemas mais ricos do planeta (contêm quase a metade de todas as espécies animais e vegetais), mas são também os mais ameaçados.

Guará - (*Eudocimus ruber*)



Cada ano, 17 milhões de hectares de floresta tropical são desmatados no mundo. Com quase 150.000 Km² de superfície, o Amapá destaca-se na conservação de seu meio ambiente e paisagens naturais, sendo que menos de 2% de sua cobertura florestal foi alterada até o momento, sendo assim o Estado mais preservado do país.

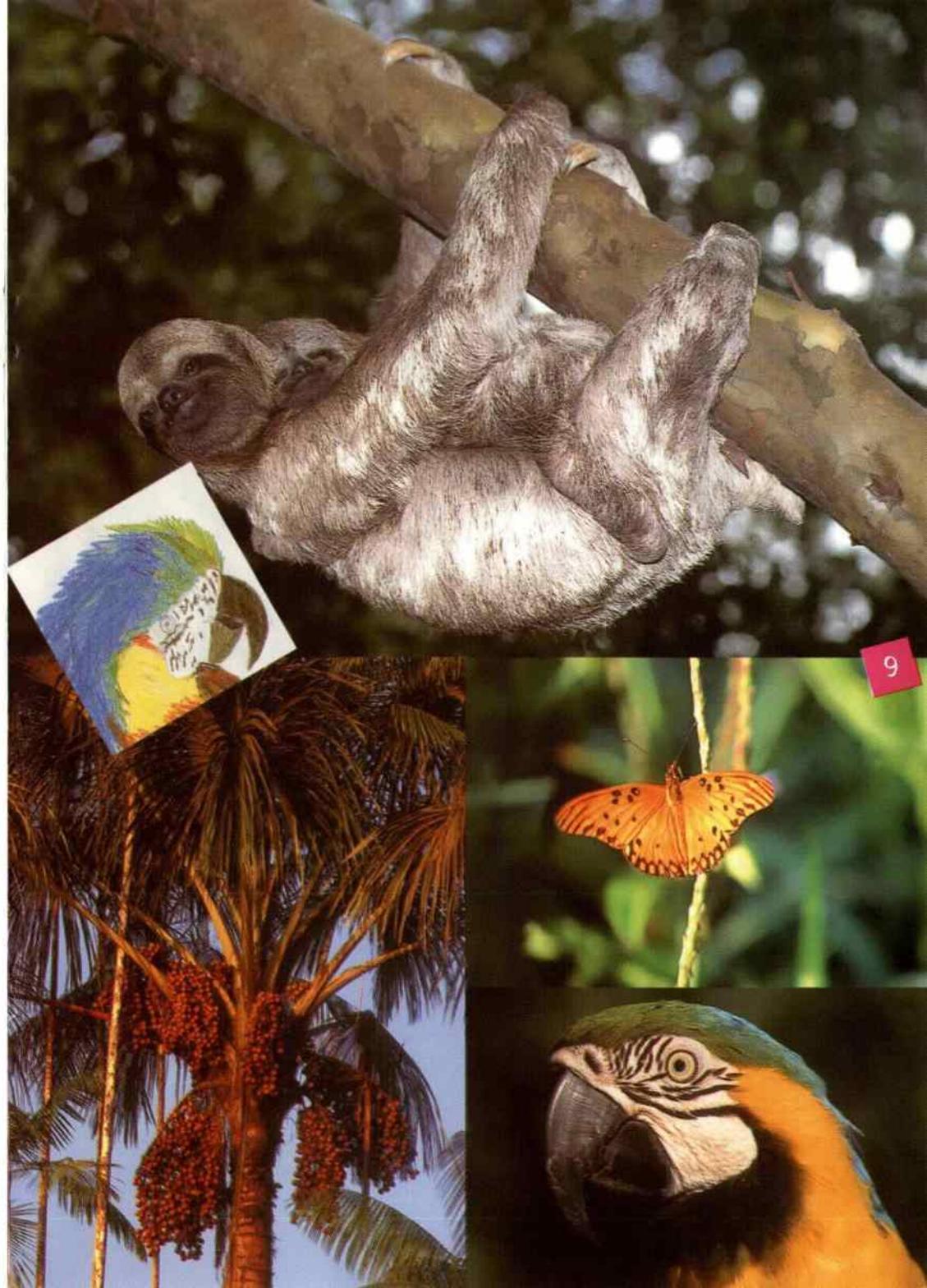
Na região do Bailique, as florestas abrigam um incalculável número de espécies animais e vegetais. Entre os mamíferos da região estão as pacas, cutias, capivaras, macacos e as preguiças, com seus movimentos lentos e dóceis.

Já entre os mamíferos aquáticos destacam-se o boto e o peixe-boi, que apesar de raro, ainda pode ser observado alimentando-se da vegetação que se forma na parte submersa das praias.

Entre os répteis destacam-se as tartarugas e camaleões. Diversas espécies de aves também encontram abrigo nos ecossistemas do arquipélago, como as araras, garças, guarás e outras. Isso para não falar nas incontáveis espécies de peixes, anfíbios, invertebrados e plantas, entre elas espécies medicinais.

Desenho: Verônica

Preguiça - (*Bradypus sp.*) - Buriti - Borboleta Nativa - Arara Canindé (*Ara ararauna*) - Des. Borboleta : Janiele - Des. Arara: Franciney





Maçaricos migrantes do hemisfério norte.



Desenho: Zaqueu



Na ilha do Parazinho, as tartarugas-da-amazônia sobem à praia, cavam seus ninhos e depositam os ovos nos meses de setembro a novembro. "Chocados" pelo calor do sol, por volta de 50 dias depois, os filhotes saem da areia. Por sua importância, a ilha foi transformada em Unidade de Conservação em 1985, através de Decreto Estadual.

O Amapá possui ainda outras Unidades de Conservação federais e estaduais, que representam quase 30% de seu território: o Parque Nacional do Cabo Orange, a Estação Ecológica de Maracá-Jipioca, a Reserva Biológica do Lago Piratuba, a Floresta Nacional do Amapá, a Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú, a

Reserva Extrativista do Rio Cajari, a Estação Ecológica do Jari e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru. A criação futura de um Parque no Bailique abre novas perspectivas econômicas para a comunidade através do ecoturismo.

As Unidades de Conservação são um atrativo a mais para os turistas de natureza, sendo que 68% deles querem ver bichos. Assim, a Reserva do Parazinho, além do papel como refúgio das tartarugas, poderá também beneficiar esta atividade. A conservação das tartarugas com a participação da comunidade, garante ao visitante não só ver, mas participar desta atividade preservacionista.



Filhote de tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*)

Garça pequena (*Egretta thula*).



Soltura de filhotes de tartaruga na ilha dos Camaleões, município de Afuá, outro local onde os quelônios também são protegidos no delta amazônico.





ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE

AMAPÁ

RIO ARAGUARI

São Pedro do Bailique

Igaçaba

ILHA DO BAILIQUE

Igarapé Grande da Terra Grande

Livramento

ILHA DO FRANCO

Arraiol

Ponta da Esperança

ILHA DO MARINHEIRO

Cubana

Franquinho

ILHA DO BRIGUE

Jaburuzinho

ILHA DO FAUSTINO

ILHA DO PARAZINHO

Vila Progresso

Foz do Gurijuba

Carneiro

ILHA DO MEIO

ILHA DO CURUÁ

Itamatatuba

Igarapé Grande do Curuá

Limão do Curuá

Ponta do Curuá

AMÉRICA DO SUL

BRASIL

AMAPÁ

Arquipélago do Bailique





"AJUDE A PRESERVAR O VERDE. O VERDE É A COR DO BAILIQUE"

A região do Bailique possui 25 escolas, com cerca de 92 professores e 1800 alunos. Quase todas oferecem educação somente até a 4ª. série do Ensino Fundamental. Objetivando mudar esta realidade, foi inaugurada em 1998 a Escola Bosque do Bailique, garantindo a oferta do Ensino Fundamental e Médio e diminuindo bastante os índices de migração à Macapá, para onde as famílias se deslocavam a fim de dar continuidade aos estudos dos filhos.

A Escola Bosque contribui assim, com o direito de ficar dos moradores da região. Construída pelo Conselho Co-

munitário do Bailique - CCB, através do projeto arquitetônico de Dula Lima, a escola trouxe ainda outros benefícios para as comunidades do Bailique, como a geração de emprego e renda. Em seu quadro de funcionários estão 13 pessoas da própria comunidade e mais 24 professores.

Há ainda as atividades de apoio, como o transporte de alunos, que emprega pilotos e ajudantes de 6 embarcações locais, responsáveis pelo transporte diário de 424 alunos. Outra atividade geradora de renda é a merenda escolar regionalizada, à base de frutas, peixes e produtos agrope-

cuários produzidos no arquipélago e comprados nos comércios próximos à escola. A Escola Bosque adota o método sócio-ambiental, que "promove o resgate de culturas de tempos diferentes - dos índios, caboclos e do homem e sua ciência moderna - construindo um saber de utilização social".

A filosofia pedagógica da escola "parte do saber local, com o exercício da cidadania do ser e estar, sem perder a dimensão universal do conhecimento", segundo Mariano Klautau, idealizador do projeto Escola Bosque.

Os conteúdos são abordados de forma crítica e criativa, evi-

denciando a preocupação em transmitir os conhecimentos a partir da discussão dos problemas locais, possibilitando ao aluno compreender a realidade da qual faz parte, situar-se nela, interpretá-la e contribuir para a sua transformação. Desta forma, a Escola Bosque tem na educação ambiental e na utilização dos recursos da natureza as bases para o encaminhamento de uma proposta curricular inovadora.

O método de ensino da Escola Bosque do Bailique está sendo recriado e melhorado, a cada dia, pela experiência e pelo engajamento de seus professores.

Desenho: Eliane



A concretização desta proposta pode ser percebida, por exemplo, nas oficinas de arte, onde a cultura do Bailique é resgatada através da carpintaria naval, das danças, da confecção de redes de pesca e artesanatos. A II Semana de Ciência e Cultura realizada pela escola também é um exemplo da importância de trazer à mostra as novas experiências educacionais e compartilhá-las.

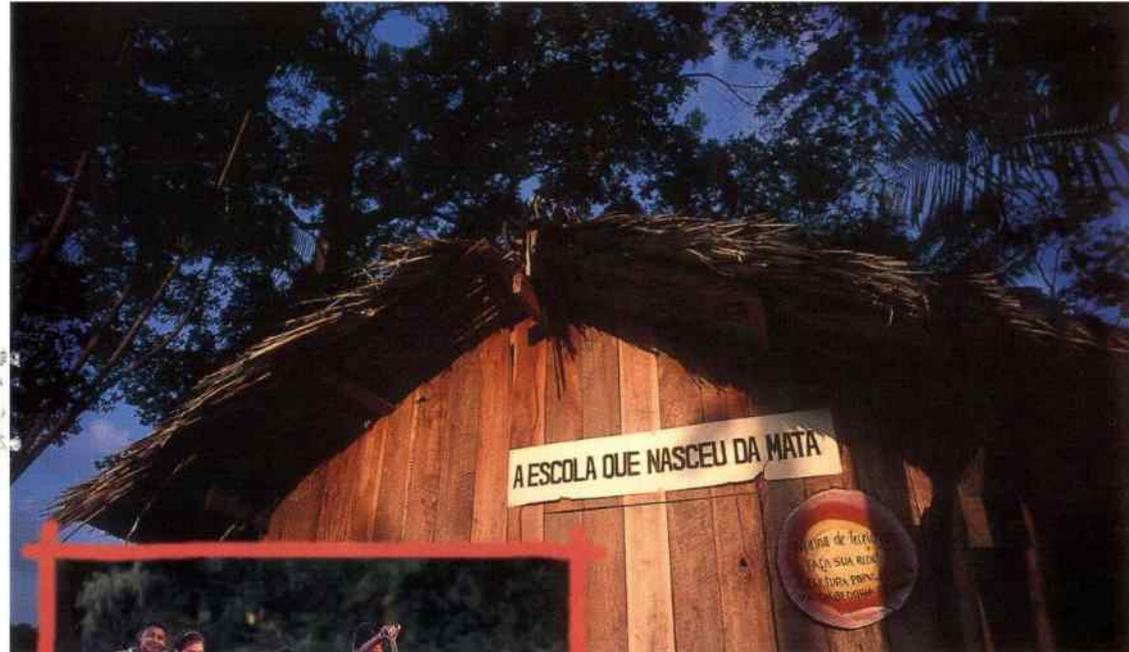
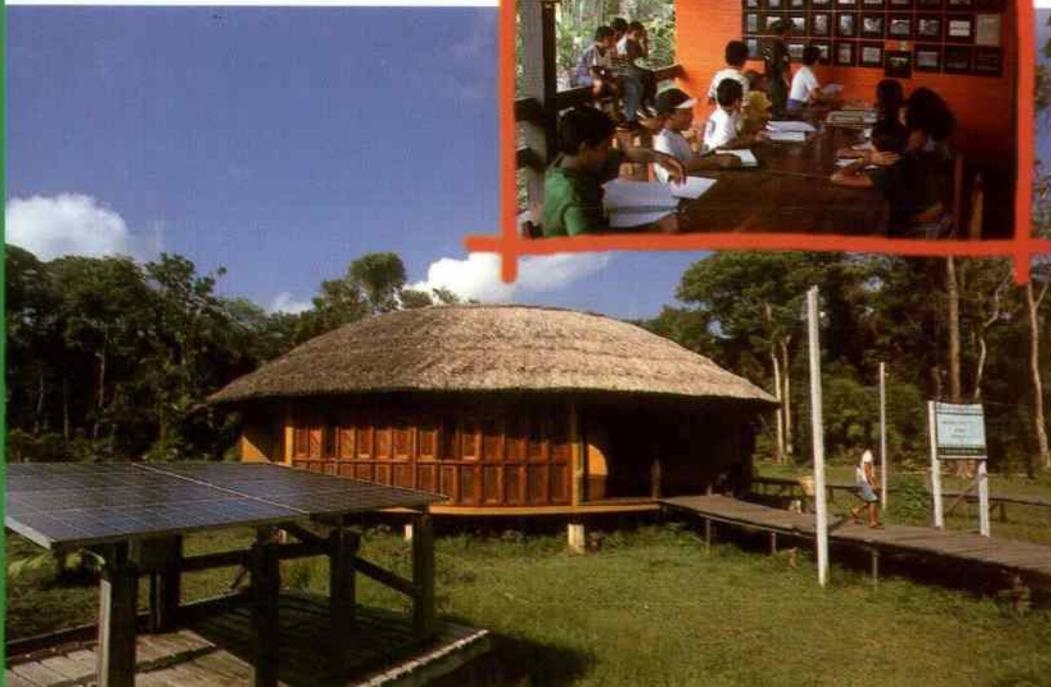
Nesse mesmo rumo, o projeto "Socialização da Escola Bosque - módulo regional do Bai-

lique", desenvolvido através de convênio entre o CAACES - Centro Amapaense de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais e o UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, proporcionou cursos de capacitação em educação ambiental para os professores da escola, além de adquirir computadores e viabilizar o início da utilização da informática.

Realizaram-se também trabalhos de sensibilização ambiental através de fotografias e audiovisuais, posteriormente

Mostra fotográfica e trabalho de arte-educação

Painel solar e módulo da Escola Bosque



Oficina de tecelagem da Escola Bosque

Crianças indo para escola na comunidade de Itamatatuba

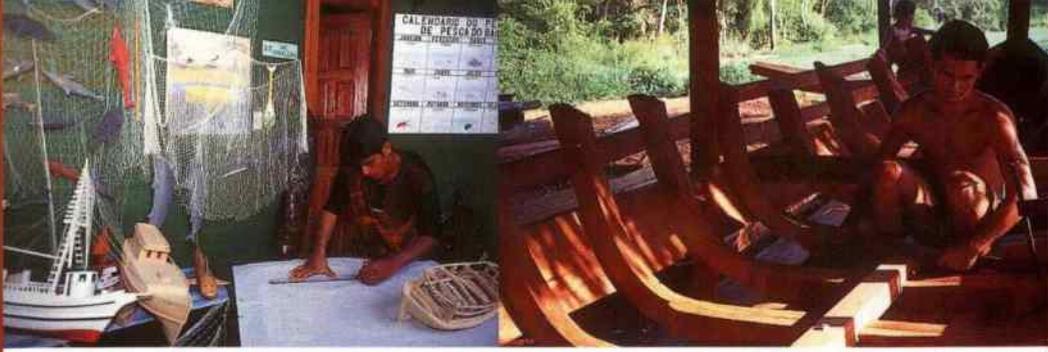
Aula na mata



interpretados pela arte dos desenhos das crianças que, como as fotos, ilustram este livro, produzido como material final do convênio acima mencionado.

Espera-se que a Escola Bosque seja um centro de referência educacional para o Bailique, funcionando como um modelo para as outras escolas do arquipélago, que passarão a se envolver e a incorporar o método de ensino da escola.

Afinal, a educação ambiental é um processo lento e contínuo, mas que pode trazer as soluções para os problemas sócio-ambientais enfrentados pelo Bailique e pelo planeta.



Aluno da Escola Bosque projetando embarcação

Carpintaria naval

Pesca e carpintaria naval são temas fundamentais no currículo da Escola Bosque do Bailique, afinal esta é uma das atividades econômicas mais expressivas na região, acontecendo tanto em mar aberto como nos igarapés e "furos" dentro do arquipélago. Vale lembrar que a primeira Colônia de Pesca do Amapá foi fundada no Bailique, em 1919.

Na pesca de mar aberto, são comuns espécies como a gurijuba, os cações, as douradas e as pescadas amarelas. Já nos igarapés, os principais peixes

são o jiju, o apaiari, o tamoatá, os bagres e camarões, cujas capturas se intensificam no período do verão.

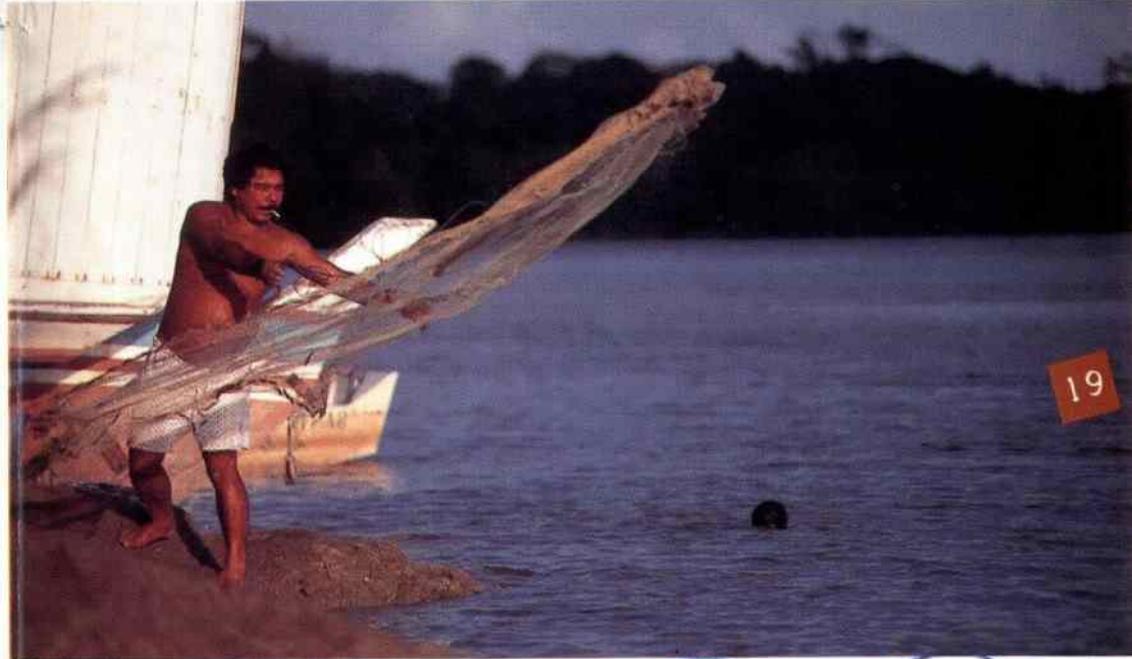
Da gurijuba se extrai a famosa "grude de gurijuba", que é a bexiga natatória do peixe, ou seja, o órgão interno que ele enche e esvazia para controlar sua subida e descida na água.

A grude é utilizada industrialmente na fabricação de cervejas e cremes. Já um subproduto do cação, sua barbatana, é utilizada na indústria de computadores em países como o

Japão. A atividade pesqueira é exercida durante todo o ano, excetuando-se os períodos de defeso, quando a pesca de um determinado peixe fica proibida para respeitar sua época de reprodução, garantindo assim que não falte peixe para as

futuras gerações de pescadores. Hoje, os "mestres" que perpetuam a arte da carpintaria naval no Bailique dão corda à engrenagem da pesca fazendo e recuperando as embarcações típicas da região.

Pesca de tarrafa - Desenho: Graciêle

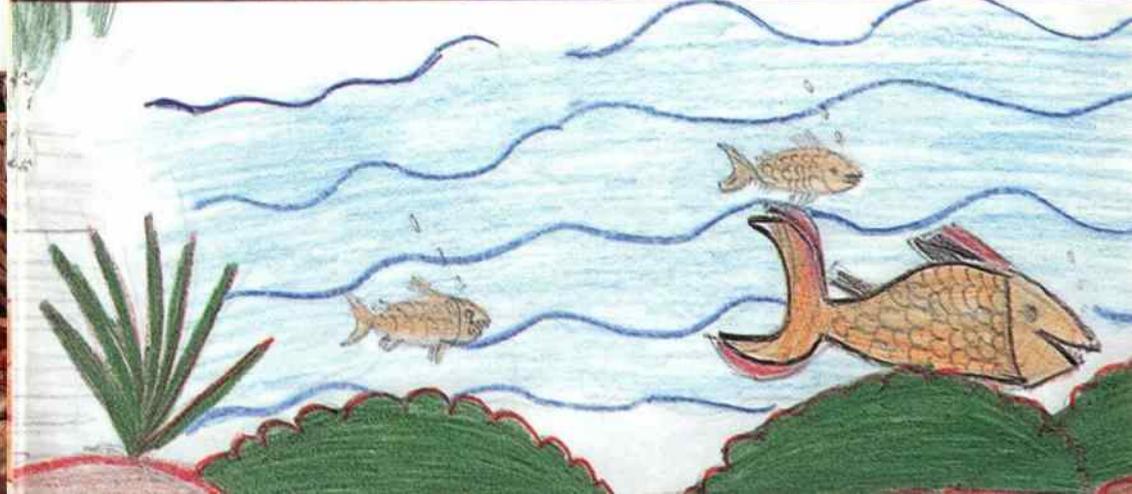


19

Grude de gurijuba

Secagem de peixe

Camarão regional



O extrativismo é uma das formas mais inteligentes de aproveitar os recursos naturais que a floresta tem a oferecer. Por isso, também é um dos temas importantes do currículo da Escola Bosque do Bailique, região onde o extrativismo vegetal está baseado principalmente na exploração do açaí, do palmito, das madeiras e oleaginosas.

Mas, da década de 40 até os anos 60, a extração da borracha era a mais expressiva atividade econômica (juntamente com a pesca), trazendo muitas famílias das ilhas do vizinho Estado do Pará. Hoje, estima-se que o arquipélago tenha mais de 15.000 seringueiras.



Menino pegando cacho de açaí, (*Euterpe oleracea*).

Peconha: "instrumento" usado para subir no açaizeiro.

Desenho: Fábio



O açaí, produto mais explorado atualmente, é uma espécie que cresce rápido, mas muitas vezes, a exploração irracional do palmito - para a qual é necessário cortar a árvore - impede o melhor aproveitamento da espécie com a plena utilização do fruto.

A apicultura é outra atividade potencial do extrativismo florestal e destaca-se pelo grande número de colméias nativas na região. Os enxames, captu-

rados e colocados em caixas próprias, garantem uma produção contínua e de fácil acesso.

Além do extrativismo também é praticada a agricultura, principalmente a partir do final do período chuvoso. Destacam-se os cultivos de banana, melancia, milho, cana, mandioca, jerimum, etc. Visando aproveitar a potencialidade dos sistemas agroflorestais, alguns produtores já colhem cupuaçu, manga, côco, jambo e graviola.

Palmitos de açaí



Fruto do açaí branco



O sistema educacional refere-se às sociedades indígenas simplesmente como não civilizadas. Para mudar esta visão, é preciso cada vez mais difundir e informar sobre a cultura e a sabedoria destes povos, que aqui estavam muito antes dos 500 anos da história "oficial" do Brasil.

Neste sentido, a temática indígena é abordada no currículo da Escola Bosque de forma a resgatar os vínculos culturais esquecidos ou negados na memória histórica das populações amazônicas.

No Amapá, existem hoje 8 diferentes etnias: Waiãpi, Galibi, Galibi Marworno, Palikur, Karipuna, Aparai-Waiana, Tiryó e Kaxuyana.

Se pensamos que estas culturas estão distantes de nossa realidade, basta lembrar que formas de pescar como a zagaia e a gapuia, ou o costume de preparar a farinha de mandioca, o peixe moqueado e objetos como as montarias, remos e até a tradicional rede de dormir, são aspectos que trazemos desta herança indígena.

Quem sabe não esteja nesta relação harmônica que as comunidades indígenas mantêm com aquela que eles chamam de a "Mãe Terra", as soluções que precisamos para de fato alcançarmos uma relação de sustentabilidade com o meio ambiente e com a sociedade.

Desenho: Valcirene



REALIZAÇÃO: CAACES - CENTRO AMAPAENSE DE ATIVIDADES CULTURAIS, ECONÔMICAS E SOCIAIS, RUA SÃO JOSÉ, 1478, CEP 68 900 090 - MACAPÁ/AP. FONE/FAX: 0(xx)(96) 224-2487
E-MAIL: CAACES@ZAZ.COM.BR (WWW.ALTERNEX.COM.BR~CAACES\)
PARCEIRO: CCB - CONSELHO COMUNITÁRIO DO BAILIQUE
ORGANIZAÇÃO E FOTOGRAFIAS: MARCELLO LOURENÇO, FONE: 0(xx)(96) 222-4326
ARTE E EDIÇÃO: AMAPAZ - COMUNICAÇÃO & MARKETING.
DESENHOS: ALUNOS DA ESCOLA BOSQUE
IMPRESSO NO BRASIL - 2000
APOIO:



Fundo das Nações Unidas para a Infância
Escritório Regional para a Amazônia



Escola Bosque
Módulo Regional do Bailique



Secretaria de Estado da Educação
Divisão de Educação Ambiental

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização do organizador.

